



*Estamos aqui*

*Antologia*

**Bruno Ribeiro**  
**Alixandra Guedes**  
**Organizadores**



*Estamos aquí*

*Antología*

**Estamos aqui - Antologia**  
**CLESX - Curso de Leitura e Escrita Samelly Xavier**

**Gestão e Coordenação Geral**

Samelly Xavier

**Coordenação Pedagógica**

Alixandra Guedes

**Organização**

Bruno Ribeiro

Alixandra Guedes

**Capa e diagramação**

Jonas Agápito Rodrigues de Medeiros e Oliveira

(L<sup>A</sup>T<sub>E</sub>X, Gimp, Kubuntu)

**Fotos e ilustrações**

Capa: *Pencil tip*, de Bernardo Suárez Falcón

Conto *Dia de São Pedro: Supermercado*, de Conejito Zombie

Conto *Diana*: Ilustração de José Dantas

Conto *Matriz Astral*: Ilustrações de jonasagapito

Conto *O Símulo do ser: Spooky forest in the morning*, de Kenth Fagerlund

Poema *Pantin: Woodcut Type*, de Alex Fowkes

Conto *Pétalas*: Foto de Graciela Vicente

Conto *Querido Alguém Distante*: Arte de Sara Queiroz

Conto *Rigor Amore: Ilustração de Saulo Matias*

Conto *Strangers: Corridor*, de clearbrook4

Poema *Seja Pássaro: flight*, de Emma

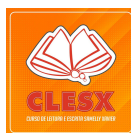
Conto *Vontades: um cacto*, de Kelson Marinho Costa

**Fontes da Capa**

*Aquiline Two*, de Manfred Klein Fonteria

*Selfish*, de Misprinted Type

*TeX Gyre Schola*, de GUST e-foundry



Campina Grande

2017

# Sumário

Prefácio . . . . .	ii
Dia de São Pedro . . . . .	1
Diana . . . . .	3
Matriz Astral . . . . .	11
O sùculo do ser . . . . .	17
Pantin . . . . .	20
Pétalas . . . . .	23
Querido alguém distante . . . . .	27
Rigor Amore . . . . .	32
Seja pássaro . . . . .	42
Strangers . . . . .	44
Vontades . . . . .	46
Sobre os autores . . . . .	48

# Prefácio

Comecei a ministrar cursos e oficinas de escrita criativa no CLESX (Curso de leitura e escrita Samelly Xavier) em 2016. Inicialmente, a experiência me inquietou. Hoje, sinto-me realizado nesta posição. Acompanhar e ler textos de diversos gêneros e estilos é um verdadeiro aprendizado.

Aprendi a ler de tudo, pois um professor de escrita criativa precisa estar aberto para todos os tipos de literatura, afinal, só assim é possível avaliar tecnicamente uma obra que fuja do seu agrado. Não é fácil, mas aprendi. Comecei a buscar referências para esmiuçar determinado texto com o intuito de entender a sua proposta, fugindo alucinadamente da questão do gosto, algo tão subjetivo.

Busquei entender e compreender a visão do meu aluno. Ao entender a visão - o projeto literário -, aí sim posso entrar na parte técnica. Sem empatia não vinga. E depois de conhecer essa visão, sinto-me realizado em saber que eu estou entregando algumas ferramentas, procedimentos e modos de usar a linguagem para eles.

Ampliar o universo de uma pessoa é gratificante, até porque você amplia o seu próprio universo ao fazer isso.

Os textos de Joh Albuquerque, Fabiana Araújo, Jonas Agapito, Valdir Ribeiro, Samelly Xavier, Maycon Carvalho, Fábio Prado, Sara Queiroz, Kelson M. Costa e Saulo Matias carregam consigo uma visão. Cada aluno pensa e reflete sobre o ofício literário de uma forma distinta. São textos criativos e diferentes uns dos outros, mostrando que a literatura não pode ser definida de uma única maneira. As coisas aqui não são 8 ou 80. A literatura é uma multidão. E é isso que a antologia “Estamos aqui” deseja mostrar: escrever é expandir, não fechar.

O nosso objetivo não é ratificar conceitos nem buscar certezas, e sim, criar espaços para encorajar as dúvidas e perguntas, pois a verdadeira escritura sempre é uma arte subjetiva, acima inclusive da matéria que esteja sendo estudada. Ricardo Piglia disse que “a literatura é a experiência mais intensa que existe”. Até hoje, essa frase é o meu lema neste ofício tão árduo. Tento passá-la para os meus alunos, pois sem processo, confronto, intensidade e pulsão, não há escritura. Seja sacra ou profana, sem gana, não rende. E essa pulsão e desejo de escrita é visível em todos os textos desta antologia. Enquanto professor, isso me basta. Espero que para vocês também.

Bruno Ribeiro



# Dia de São Pedro

Fabiana Araújo

**J**á perceberam que quando a gente sai arrumadinha, bonitinha e cheirosa quase nunca encontra gente conhecida, mas basta sair desarrumada e/ou descabelada que a gente dá logo de cara com o crush? Pois bem. Eu sou daquelas pessoas que não têm muita paciência para montar look para usar no trabalho ou para ir a algum estabelecimento comercial, por exemplo. Então, imagine o que acontece quando decido passar no supermercado depois do trabalho, em dia de chuva.

Foi o que aconteceu hoje. Explico: acabou o sal e o papel higiênico, que são duas coisas primordiais na vida do ser humano, não é mesmo? Daí que quando eu estava saindo do trabalho começou uma chuvinha. Estava sem guarda-chuva, e não me intimidei, segui para o meu destino. São Pedro não gostou da minha rebeldia, aumentou o volume da água e eu cheguei ao supermercado toda molhada.

Logo na entrada, dei de cara com cerveja em promoção. Oba! Peguei uma caixinha e como uma coisa leva à outra, peguei também umas batatas chips para acompanhar e uma barra de chocolate para tirar o gosto do salgado. E sim, infelizmente, eu me lembrei de comprar o papel e o sal.

Quando estava indo para fila, cheia de coisas nas mãos porque não peguei cestinha, percebi que estava na direção de um crush!!! Em uma manobra radical, tentando não ser vista, nem derrubar as cervejas, fui para outro caixa. Entreguei tudo à moça rapidamente, mas não teve jeito: escutei a voz dele chamando meu nome e me virei fazendo cara de “você aqui”?.

Fiquei morta de vergonha, claro, mas nem foi só pelo fato de estar toda molhada e desarrumada. Isso foi o de menos. O pior de tudo foi que bem na hora que ele falou comigo, a moça estava passando o papel higiênico. O. PAPEL. HIGIÊNICO. Eu comprei cerveja, sal, chocolate, mas a única coisa que ele viu foi o papel.

Saí do supermercado pensando que não devia ter desdenhado do santo, que preciso comprar um guarda-chuva, escolher melhor os meus looks para ir ao mercado e começar a comprar papel higiênico pela internet.





# Diana

Maycon Carvalho

**N**a pia do banheiro escorria um cuspe pastoso. O excremento descia vagarosamente até o ralo dando uma impressão de paralisia temporal. Diana degustou a sobra - saliva temperada com porções alcoólicas - e quebrou a dormência da boca com um pigarro na garganta. Parecia um suíno chafurdando na lama. Maldito pigarro. Bocejou vagarosamente. Pigarreou.

Como uma felina arisca, expôs os dentes amarelados - espantosamente os dentes caninos sobressaíam sobre os demais - diante do espelho do pequeno armário de plástico parafusado no reboco cru. Franziu a testa marcada pelo lençol. Acreditava que a falta de sono era doença ou ansiedade desnecessária. Conseguira dormir apenas três horas durante a noite.

O dedo indicador limpou os cantos internos dos pequenos olhos castanhos. Outro cuspe escorreu pela pia, esse saiu mais escuro e grosso, uma baba condimentada com sangue. Não havia espanto, apenas uma conformidade, consequência de uma vida bagunçada.

Era necessário um banho para limpar-se do cansaço. Espertar. O sono mal chegou e já fora embora. Observou o tambor que servia de reservatório de água no canto do banheiro mesquinho. Sentiu frio. Olhou no acanhado calendário na quina do espelho a data - dia de abastecimento de água. Abriu o registro do chuveiro. Silêncio. O chuveiro de plástico ressecado tremeu - havia uma semana que não via fluxo de água correndo entre seus poros. Logo escutou galopes de ar comprimido saindo da encanação. Despiu-se. Suspirou. Amarrou o cabelo e cobriu-o com uma touca de banho de estampa infantil. Conformou-se em encarar a água dormida do tambor. Arrepiou-se. De repente a água caiu em curtos esguichos barrentos do aposentado chuveiro. A argila que saía dissolvia no chão e criava uma pintura abstrata. Depois de alguns segundos (quase eternos) a água normalizou e despencou limpa com uma força de cascata, desfazendo a obra subjetiva da lama. O corpo amassado da noite mal dormida recebia o banho como chicotadas de repreensão. Penitência necessária. Lembrou-se do pai que lhe falava, “Tomar banho pela manhã é um remédio natural, limpa as impurezas noturnas, revigora a alma”. Veio um pequeno sorriso de recordação.

Uma dose da medicação prescrita pelo velho pai foi o suficiente. Limpou-se das imundices noturnas (a alma continuava debilitada), reabasteceu o tambor, esfregou algumas calcinhas, escovou os dentes, raspou a língua, lavou o curto quadrado que era o lavatório e espertou para o dia.

No quarto observou o corpo molhado no espelho pregado na porta do roupeiro que era quase a sua altura e percebeu na coxa esquerda uma mancha arroxeadada. Tateou com o polegar direito. Doeu. Não deu importância, era apenas mais uma marca. Ergueu os seios afavelmente, neles o sentido de direcionamento era preciso - ambos pareciam dois cones apontando em direções opostas - e virtuoso. Pressionou os mamilos pontudos com indelicadeza e soltou um sorriso malicioso. Desceu a mão. Ficou num jogo de adestramento com os pelos pubianos. Dedos. Pentelhos. Vontade de domá-los. Ficou presa naquele hábito diário até o corpo secar.

Começou o ritual com os cabelos - tom de acaju acobreado -, com eles tinha mais zelo. Por isso dedicou mais tempo com o penteado (o ritual dáva-lhe uma sensação de soberania), por isso, a dedicação, o rigor, a mecanicidade do pentear. Revigorou o espírito.

O ponteiro do relógio fez dois giros. O pente cansou. O tempo voou. A nicotina chegou. Fumou o primeiro cigarro em tragos vagarosos. Ligou o celular. Preparou o café na cafeteira elétrica (a cozinha era no próprio quarto). Bebeu. Fumou. Purificou-se. Esperou por alguma mensagem qualquer. Fumou. Bebeu. Energizou-se. Serpenteou os dedos pela tela do aparelho. Bebeu. Cuspiu. A saliva amarronzada que saiu esparsa dividiu espaço com uma espuma esbranquiçada no fundo da xícara.

Buscou frequência na caixinha de som que também era rádio. Música. Volume. Acompanhou as trilhas. Cantou (era contralto). Lembrou-se do tempo de escola (cursou até o segundo ano do ensino médio) aonde chegou a fazer um número musical em um especial de dia das mães - cantou Roberto Carlos, uma canção de saudade (a escola toda aplaudiu de pé). Naquele dia ela chegou a sentir o gosto do ego adolescente. Acreditava que tinha nascido para brilhar nos palcos. No fim, a música acabou ficando em segundo plano, ou melhor, em plano nenhum. Era apenas uma ouvinte caprichosa, amante das melodias, dos versos cantados. Programas musicais de tevê era seu entretenimento caseiro - tecer crítica aos calouros, elogiar quando necessário. O rádio parou. A bateria esgotou. Voltou para o cigarro que depois de uma extensa tragada virou cinzas. Enfureceu. Pensou em jogar a caixinha de som na parede. Mas desistiu. A parede a sua frente era decorada com pôsteres variados (nunca mudava a decoração) de artistas amados e idolatrados - entre eles Diana, a cantora, a brega.

Arrumou-se com um vestido jeans tomara que caia bem justo para salientar o desenho do corpo. Penteou-se mais uma vez. Passou um brilho labial. Tentou maquiagem as bolsas de olheiras deixadas pelas noites mal dormidas. Tentativa frustrada. Colocou uma bolsa tiracolo pequenina e saiu assim mesmo marcada no rosto pelas noites sem sono. Caminhou em passos curtos e mal sincronizados. Fumou dois cigarros no trajeto. Gostava de caminhar. Sentir o fluxo da rua. Ser

vista.

Chegou ao centro da cidade e absorveu o movimento, a zoadada, a sujeira das pessoas e expeliu um cuspe generoso como se quisesse marcar território. Esqueceu-se da noite mal dormida, das manchas do corpo e do quarto barato que vivia. Agora ela estava acordada. Viva. Só existia se estivesse entre gente, não importava qual tipo, mas que fosse gente.

Passou em frente à loja de eletrodomésticos e namorou com o aparelho de som Mini System exposto na vitrine. A promoção era tentadora, mas suas economias eram mínimas. Descartou a possibilidade do crediário - não tinha como comprovar renda (não que hoje em dia precisasse comprovar algo para alguém).

“Peço perdão mais uma vez se compliquei sua vida”, a letra musicada saía de um alto falante pendurado no poste de energia e se misturava aos ruídos da rua. Atenta, ela escutou a voz melancólica da canção. Veio à imagem do pôster na parede do quarto. “Foi tudo culpa do amor”. Recordou novamente do pai, já era a segunda vez em uma única manhã. Nostálgica? Lembrou-se do seu nome de batalha: Diana. Uma homenagem ao pai (embora ele nunca ficasse sabendo da homenagem oferecida). Valdevar era o nome dele, um homem com poucas virtudes, mas sempre generoso com a caçula; Vanderlúcia, uma menina que um dia sonhou em ser cantora. Parou. Borrou a última parte da lembrança. Pensou apenas no pai e o quanto ele era apaixonado pela cantora daquela música que lhe trouxe as memórias. Seu pai (um amante da música), o único homem em quem confiou na vida. Reorganizou os pensamentos e continuou perambulando pelas ruas, entrando e saindo de uma loja e outra, conversando com um ambulante qualquer, sendo o centro das atenções alheias. O tempo andou. O sol esquentou (mais).

Seguiu até o mercado central. O lugar era sujo e mal cuidado, mas para ela a refeição servida ali era divina. Pediu o seu prato. A cozinheira já sabia de memória: farofa de feijão verde, arroz solto, batata doce e dois pedaços de galinha caipira - não era fã de legumes. Esperou um pouco. Foi servida. Comeu. Catou algumas verduras. Comeu. Palitou os dentes. Tomou um café. Tentou fumar. Tentou cuspir. Proibido. Engoliu a saliva. Brincou com o celular. E esperou a digestão.

Observou os homens ao seu redor que desde que sentou não paravam de olhá-la. Ninguém muito atraente. Até que achou ele, o entregador de marmitas, um sujeito alto e magrelo que possuía um sotaque estranho que sempre flertava (os dois ficavam em um jogo de olhares todos os dias naquele mesmo lugar, quase na mesma hora). Começou os olhares furtivos. Ele pegou as encomendas em cima do balcão e continuou olhando. Ela tirou o dinheiro de dentro da capinha do celular, pagou a cozinheira e seguiu olhando. Hormônios. Feromônios.

Ela levantou-se e caminhou em passos lentos em direção à porta de saída do antigo mercado e ele seguiu a trilha. Os dois se olhavam ferozmente. Diana parou

de caminhar, ajeitou o cabelo delicadamente e sorriu sagazmente deixando exposta a dentição vampiresca sedenta por sangue. O rapaz que tinha um rosto bem excêntrico (ela sentia-se atraída por homens estranhos) preparou o pescoço para que pudesse ser mordido e assim chupado todo o seu gosto ali mesmo. Ofegantes a um palmo e meio de distância, os dois sentiam o cheiro de suor, a fragrância do pecado que os inebriavam e faziam pensar sem-vergonhices. Ela salivava desejo (todos os dias a digestão dela era feita com libidinagem). Ele sentia-se presa fácil e queria isso. Olhares. Vertigem.

De repente um grito (uma vaia), que vinha da rua ecoou dentro do mercado quebrando o clima como água quente com sal faz com os cachorros. O casal espalhou-se em direções opostas. Os dois pensaram: amanhã continuaremos de onde paramos? Ele subiu na moto e foi entregar marmitas. Ela seguiu rondando as vias do centro procurando entreter o juízo. Pensou em voltar pra casa e tentar dormir, não tinha sono (já fazia uma semana que não dormia o suficiente), estava enérgica.

Na praça em frente à igreja matriz da cidade sentou em um banco de cimento e lambeu o sorvete de casquinha que comprou com o resto de dinheiro que tinha trago. Pensou no sono. Mas ele não veio. Passou um carro de som anunciando uma festa de vaquejada. Não tinha como não se lembrar de novo do pai; ele era fanático por vaquejada e sempre levava a caçula (Vanderlúcia) para ver o boi cair no chão.

As lembranças do pai lhe trouxeram uma saudade fúnebre (o pai morrera de facada em uma festa de vaquejada) e deixou derramar uma lágrima, apenas uma. Logo se recompôs, a falta de sono estava lhe deixando sensível demais, mas não deixaria transparecer fraqueza. Era arisca, uma leoa atenda aos perigos da selva, não deixaria ser caçada pelos olhares curiosos dos viventes medíocres daquele lugar provinciano. A palavra “provinciana” sempre escutava do pai quando ele se irritava com os políticos da cidade - o pai foi um politiqueiro fervoroso.

Restaurou-se da recordação indigesta (não da falta de sono), jogou o resto do sorvete quase todo derretido entre os dedos, soltou um cuspe que saiu espalhado, enxugou os dedos com a língua e acendeu um cigarro, o último da carteira.

Foi até o barraco (trailer) do velho Moacir, conhecia-o desde menina, pediu um café, a boca azeda da manhã havia ficado adocicada demais pelo sorvete enjoado de leite condensado que mal provou (tinha um paladar sensitivo). Precisava de um café amargo e forte. Tirar o gosto da lembrança. Reavivar a saliva. Espantar de vez o sono que não tinha. O velho soltou um sorriso maroto e disse; “Ontem você saiu corrida e esqueceu seu broche” (todos os dias ela passava na banquinha). Vanderlúcia, a outra (Diana), sumiu e deu lugar naquele momento a filha caçula de Valdevar, o músico incompreendido, o politiqueiro afoito, o pai benevolente (apenas para a caçula). De todos os sete filhos a única que tinha o apreço do pai

era a pequena “Vandinha”, chamada carinhosamente.

O bodegueiro esticou a mão enrugada e rude, mostrou-lhe o broche cor de bronze, que tinha em alto-relevo a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, a Santa que o pai era devoto, que só não colocou o nome da caçula de Remédios porque as outras três mais velhas assim se chamavam, mudando apenas o primeiro nome: Vanderléia Remédios, Vandergilsa Remédios, Vanderleide Remédios. E por superstição acreditou que a Santa não ia gostar da ousadia e achou por bem não batizar com o nome. O nome Diana era a vontade do pai, mas a esposa com cisma (ciúmes besta) não aceitou, achava que o nome Diana iria marcar a menina, acreditava que Diana era nome de puta. Diana era uma singela homenagem à cantora, mas para a mãe toda cantora era mulher da vida, se chamando Diana principalmente (não gostava quando o marido escutava as músicas da tal Diana, sentia ódio), a caçula não teria o mesmo destino, jamais! Ficou então, Vanderlúcia Cristina.

Vanderlúcia pegou o broche com ímpeto, serrou o punho e guardou a relíquia dentro da mão como um cofre. Tentou lembrar por que esqueceu a peça no barraco do velho Moacir. Tentou lembrar. Remoeu os pensamentos. Não lembrou. A busca de rememorar a desatenção com a joia da família foi cortada por dois cachorros que se engalfinhavam na frente do estabelecimento. Latidos. Rosnados. Cachorrada. O velho espantou os vira-latas esbravejando palavras de ordem.

Diana reorganizou os sentidos. Pediu ao velho uma dose de cana. A cachaça foi preparada com perfeição. O velho ainda fez questão de esquentar uma porção de carne de charque, cortou um limão em quatro partes e ornamentou no prato de alguidar branco junto com o tira gosto requentado. Ela espremeu uma banda de limão dentro do copo e bebeu de uma golada (suave) e em seguida deu uma cuspidã gigante que viajou longe como uma voadora. Mostrou os dentes. Vampira. Mastigou um pedaço de carne. Os bêbados presentes no barraco observavam concentrados a destreza da moça com o copo (incrível como ela sabia beber) e a imagem daquela mulher formosa de cabelos longos cor de cobre. Aquela sim que era Diana, não a outra que chegou trêmula e trucidada pelas lembranças do velho pai.

Prendeu o broche no vestido. Pediu uma carteira de cigarros e um chiclete de menta. Mandou anotar na conta o consumo e saiu desfilando lascivamente pelas calçadas. Umhas beatas que saiam da sacristia da igreja olharam-na com desprezo e proferiram palavras grosseiras ao estilo divino. Diana apenas cuspiu na direção delas, um excremento arrancado das profundezas do peito manchado de catarro dormido (ela sabia cuspir), só aumentou as pragas lançadas. Desviou-se das maldições e foi para o serviço. Já era cinco da tarde. O dia correu ligeiro e com a mesma rotina dos anteriores seguiu para o seu desfecho.

Conhecida por todos da cidade - o pequeno lugar respirava politicagem e al-

coolismo - por suas formas e condutas. Era querida pela maioria das pessoas evoluídas (assim ela pensava), odiada pelas pessoas de espírito miúdo (assim ela cuspiu). Aprendeu desde cedo a viver entre os olhares maldosos e maliciosos daquela gente sonsa. Quando faziam ataques, ela cantava com os dentes caninos expostos espantando as maldições impostas ao seu jeito de permanecer viva.

Diana cantou um samba alegre e em voz alta e afinadíssima (o pai ensinara a cantar). Caminhou. Cantou. Fumou. Caminhou. Cantou. Assim seguiu a fluidez do dia insosso. “Prazer bom e barato”, era o que estava escrito na placa de entrada do lugar mal amanhado e pouco iluminado que ficava na entrada da cidade (Diana ia a pé para o trabalho independente do lugar onde estivesse) que se chamava Bar da Cleide, o seu local de trabalho. Uma casa de entretenimento especializado em dissimular aventuras sexuais. A dona (Cleide), uma senhora corpulenta e bem aparentada gritou para Diana, “Precisa dormir Diana”. Depois mandou a funcionária se arrumar, dá um jeito naquelas olheiras, avisou que a noite ia ser agitada. Era dia de pagamento dos trabalhadores da obra da transposição do rio (o tal São Francisco) que há meses se arrastava e trazia lucro para o próspero bar - conhecido entre os peões como Bar da Gorda.

Como a mãe temia; a caçula virara rapariga, não pelo nome de batismo, mas pelo agouro do pai - Diana. Acreditava que os mimos do marido a fizera uma menina fresca e dona de si. Mas nem foi. Ela virou puta porque quis (era a forma que Diana mesma se expressava sobre o assunto). Assanhada por natureza, com libido sempre aceso, um fogo no rabo, atrevida em todos os quesitos. A decisão de seguir a profissão só foi concretizada depois da morte do pai (uma morte brutal). Saiu de casa. Roubou o broche da mãe (que fora do pai). Seguiu seu destino. Uma coisa que não tinha fastio era de sexo. Foi a partir daí que nunca mais Dona Salete dirigiu a palavra a caçula Vanderlúcia, muito menos a outra (Diana).

“Cuspideira” como era conhecida pelos brutos operários de britadeiras, escavadeiras, betoneiras... Ela gostava de cuspir. Com sexo e sem sexo, cuspiu. O cuspe era revigorante. Lubrificante. Excitante. Diana fez um longo asseio íntimo. Passou um pano úmido nas axilas. Banhou as coxas arroxeadas com creme corporal. Penteou o cabelo demoradamente (a única coisa que fazia com zelo). Pintou a boca de batom vermelho vivo. Estava pronta para receber seus amantes rústicos e sujos de poeira. Afinal, era o seu sustento.

O bar começou a ficar movimentado. Diana bebeu três cervejas com um galego metido a paulista e lucrou uma trepada. A noite começou. O corpo agitou. O fluxo diário seguia seu rumo. Seu vai-e-vem. Seu sobe e desce. Seu vira e dobra.

Às duas da manhã já com o útero dormente, com treze cervejas na cabeça, uma carteira e meia de cigarros tragados, uns trocados no bolso lembrou como esqueceu o broche na bodega do velho Moacir. Foi a falta de sono. Lerda. Sonâmbula.

Cuspiu três vezes em um curto espaço de tempo, amarrou o cabelo e caminhou

até sua casa (o quarto barato) e tentou dormir. Amanhã quem sabe poderia ser diferente, ou, ao menos, acordar um pouco mais tarde.

# MATRIZ ASTRAL

jonasagapito





Não havia percepção física do próprio corpo. Mãos, pés, tronco. Não havia qualquer parte ali. Mesmo a mente era ausente. Os pensamentos deram lugar a um vazio oco sem fronteiras. A noção de existência, naquele momento, era formada pela percepção dos próprios sentimentos. Emoções emergindo e se espalhando numa mistura coerentemente empírica. Esse era o ser. Sentir.

Não havia corpo e, sem massa, não havia inércia. Não percebia qualquer movimento. As quatro dimensões de espaço-tempo, sabia, se contorciam em um caos Browniano imersas em outras doze. Não sentia qualquer reação. Concentrava-se completamente no sentir analítico de cada emoção. E traçava, mentalmente a partir delas, uma carta de coordenadas astrais daquele momento.

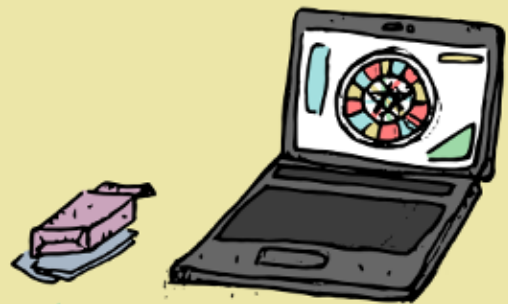
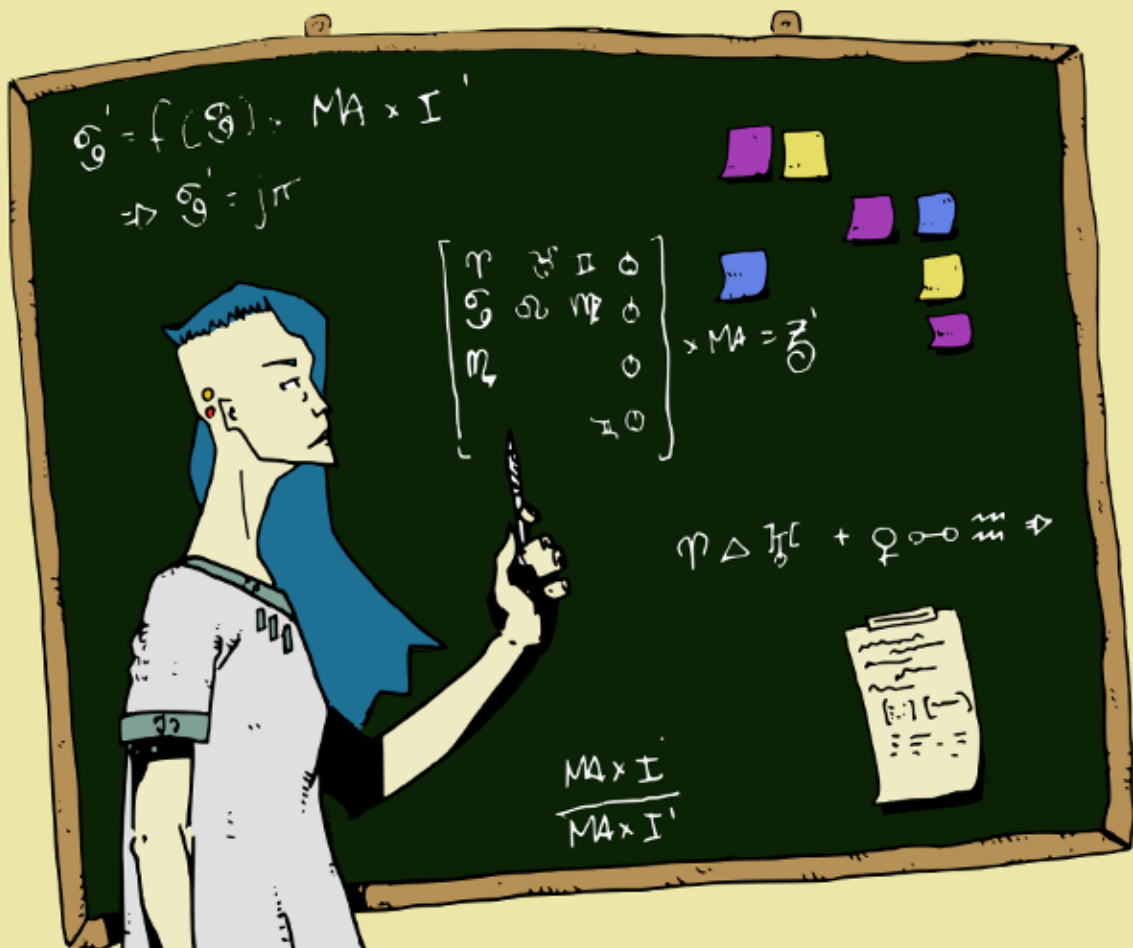
Terra, demais planetas e luas, Sol, as treze constelações do zodíaco. Sentia cada componente do Sistema Solar através de suas posições relativas tão claramente quanto se estivesse com um mapa aberto em frente aos olhos. As emoções que cada cúspide representam ao se ler um mapa astral traçado no papel sobre a mesa eram sentidas uma a uma. Sabia o que sentia em cada emoção. Sabia a posição relativa de cada astro. Sentia exatamente onde estava. Estava em casa.

Gradativamente, então, as emoções mudaram. Os astros não estavam mais ali. O espaço se dobrava sobre si mesmo deixando de existir enquanto dava lugar a outro. Ambos se contorcendo juntos numa relação impossível para a consciência. Os astros, então, surgiam de volta. Fora de lugar e em um número obscuro de repetições de si mesmos. Possibilidades inumanas de outros lugares iguais ao inicial, mas diferentes entre si, cresciam lentamente. Cada conjunto de astros, cada repetição do mesmo sistema, formando uma nova carta de coordenadas. Um novo conjunto de emoções a ser sentido. Um novo possível destino. Apenas um conjunto, entretanto, a ser escolhido.

O destino correto era conhecido. Uma matriz astral foi estudada, deduzida e aplicada sobre o mapa natal para se obter o conjunto de astros e emoções a ser seguido. A lembrança de cada emoção calculada era cuidadosamente recuperada e comparada a tantas outras que surgiam a todo instante. Apegava-se, assim, apenas àquelas deduzidas como pertencentes ao destino escolhido. Sem ser capaz de perceber a passagem do tempo, sentiu infinitas variações de cada emoção possível ao ser. Estava em uma encruzilhada hexadecadimensional e lenta mas precisamente se deixava levar pelas emoções corretas. Apenas pelas que corroboravam com os cálculos.

Todas as emoções enfim mudaram e os sentimentos alcançaram regime permanente. Um mesmo ser estava ali, composto, porém, por uma essência formada por sentimentos completamente diferentes. O mapa astral traçado ali agora seria completamente diferente do original. Cada componente do Sistema Solar ocupava um novo lugar completamente diferente. Tudo perfeitamente ajustado com o calculado. Havia chegado. Estava em Agartha.





Antes da viagem, porém, os preparativos. E antes dos preparativos, os estudos. Desses estudos tudo fora transcrito de forma analítica. Não as impressões e sentimentos associados a cada elemento. Mas os aspectos práticos relacionados à astrologia, ao tarot e à matemática. Aquilo que fora entendido como necessário para uma viagem astral como a pretendida.

Descobriu inicialmente que Agharta sobrepõe-se à Terra. Leu sobre a Terra Oca e cidades lendárias. Migrações árticas impossíveis. Continentes ancestrais tectonicamente incoerentes. Entendeu, por fim, que Agartha dobra-se sobre a Terra. Estando dentro sem estar aqui. Doze dimensões ortogonais entre si e ainda ortogonais às nossas quatro compõem as dobras na realidade que interligam os dois mundos. Imperceptíveis a nós, essas dimensões tangenciam o *continuum* espaço-tempo quadridimensional em que vivemos tocando ele sem que possamos tocá-las.

Matemática.

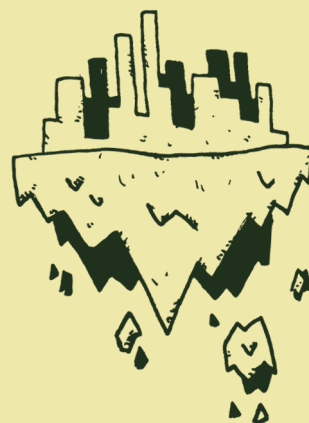
Progrediu pela álgebra e pela geometria, linear e vetorialmente, para o estudo de matrizes e suas transformadas. Somas e multiplicações foram desconstruídas em corpos matemáticos moldados à necessidade. As dobras dimensionais foram, por fim, equacionadas e organizadas em uma matriz que relacionava os dois extremos. Cada ponto em cada mundo localizado biunivocamente. Qualquer Mapa Astral traçado no referencial da Terra, aplicado também a Agharta, através dessas equações. Essas equações organizadas matricialmente. Uma Matriz Astral.

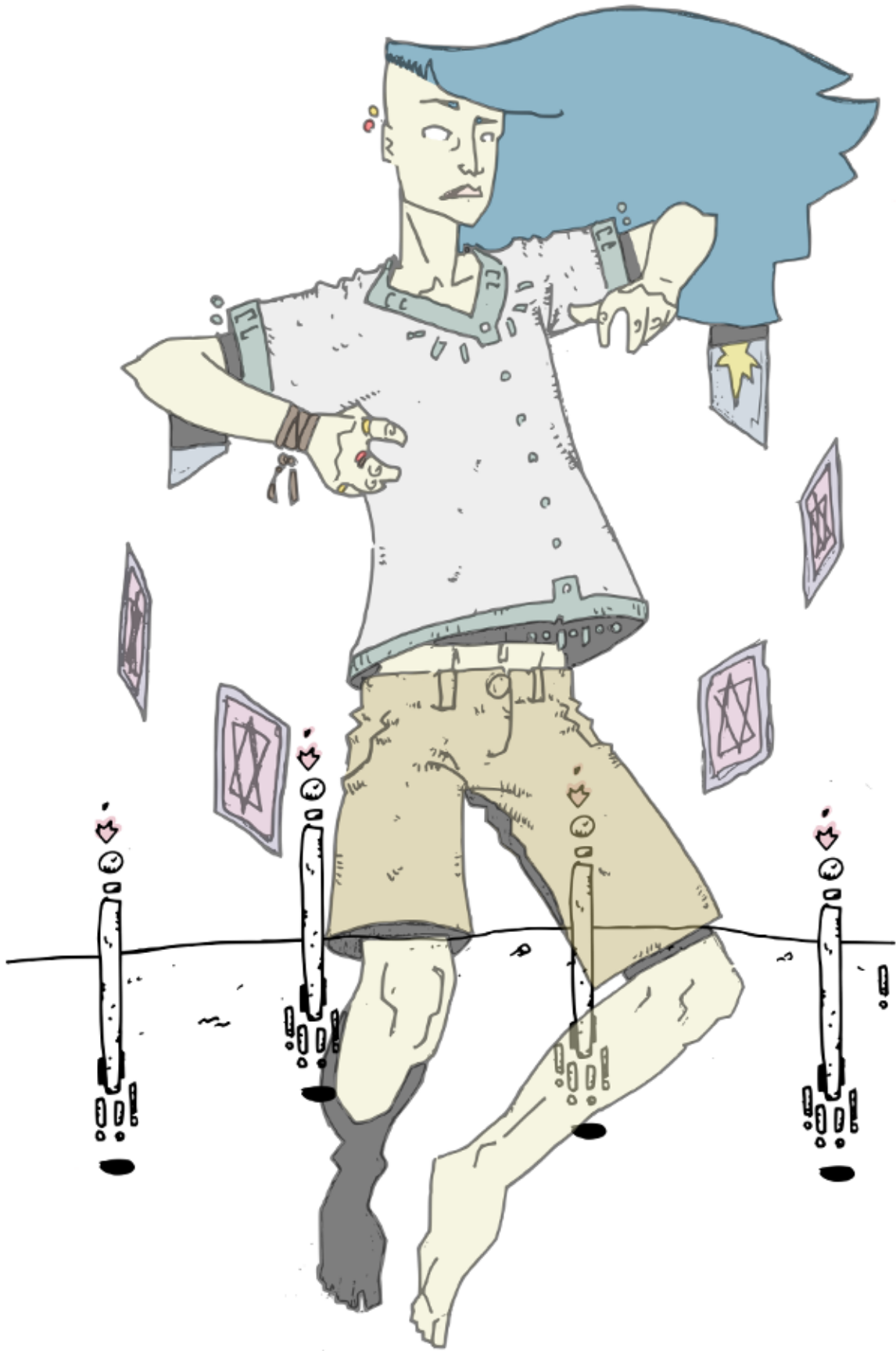
Astrologia

Seu próprio Mapa Astral na Terra. Seu próprio Mapa Astral em Agartha. Ambos descrevendo a mesma pessoa. Cada um do ponto de vista de um mundo diferente. Ambos usando como referência os mesmos planetas e corpos celestes. Estudou a relação entre as emoções como representadas em cada referencial. Meditou sobre como transladar de um conjunto de emoções ao outro. Aprendeu como ser capaz de alternar entre as duas representações do mesmo estado de sí.

Tarot

A mesma pessoa descrita por suas emoções a partir de dois referenciais distintos. O caminho a ser trilhado para sair de si para si precisa ser guiado. Independente do referencial astral, a Cruz Arcana terá sempre uma interpretação equivalente. A impressão retirada das cartas, portanto, pode ser utilizadas para garantir um caminho objetivo.





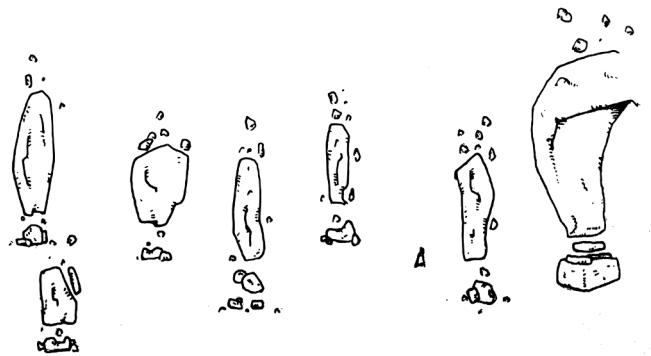
Estava em Agarthá. Corpo e racionalidade suspensos por meditação na mesma sala onde iniciara a viagem. Espírito e emoções também no mesmo local, mas projetados pelo Eter quadriortogonalmente além da sua épura cotidiana.

Não possuía qualquer dos sentidos. O cheiro do vento, o som do solo, a textura da luz, o gosto da paisagem, o formato dos ruídos. Mesmo a cinestesia apagara-se. Sabia que estava ali, entretanto, porque os sentidos recebiam os estímulos de cada detalhe que a paisagem apresentava.

A luz projetava-se tranquila alcançando o redor. Acalentando e lembrando a melancolia da sua ausência. O vento estimulava e enchia a lembrança de vida. Quando não soprava, o peso do tempo se instaurava. A planície, vasta, transportava espontaneamente até bem além do horizonte. O horizonte, era onde a distância nebulava os sentidos. A partir dali... difuso. Todavia era clara a sua ascensão. Subia até imergir no que havia acima. Meio hemisfério adiante, de volta, emergia novamente, descia e se aproximava até o horizonte no lado oposto. Agarthá é côncava. O mundo, ali, parecia realmente uma Terra Oca. Antiga. Esquecida. Habitada atemporalmente pelo estranho. Convergingindo e refratando assintoticamente sempre para onde se está. O mundo, mesmo além do horizonte, colimando permanentemente sobre o ser.

Além do horizonte, o frio brando de cidades pouco habitadas, contrastando com um passado que construíra muitos mais prédios do que se habita hoje. Campos, colinas, praias e outros acidentes geográficos absurdos interligados por pórticos megalíticos supratecnológicos. Seres que permeiam simultaneamente os reinos conhecidos criando outros tantos. Parecia que tudo estava ali. Cidades lendárias. Continentes tectonicamente incoerentes. Uma mistura familiar de tudo o que existe e conta-se não existir na Terra fluía à medida em que se deslocava pela paisagem surreal. Seres sutis e construções fractais sobrecarregavam a percepção. Vagaria em uma caminhada psicodélica pela eternidade sem notar o tempo. Perder-se-ia de si em uma profusão de sentimentos simbióticos. Deveria regressar. Deveria regressar o quanto antes. Deveria regressa agora.

Sabia como retornar. Concentrar-se nos sentimentos corretos. Paisagem, fauna e flora naquele mundo construíam sentimentos estranhos. Fluidos demais. Permeantes demais. Seus próprios sentimentos. Os sentimentos produzidos pela sua própria existência. Os sentimentos de si ainda na Terra. Voltar. Desligar-se do arredor. Concentrar-se em si. Lembrar e correlacionar-se com seu outro si. Guiar-se ainda pelo si. Voltar. Precisa agora  $\epsilon\eta\rho\alpha\mu\sigma\upsilon\upsilon\eta\sigma\upsilon\eta\tau\epsilon\alpha$ .





# O sùmulu do ser

Valdir Ribeiro

**U**ma floresta escura, essa sim, a floresta na qual essa personagem há de passar, sim, essa floresta, com um ar pitoresco, gelado, tenebroso, assustador, essa floresta, de cor alaranjada, um sùmulu, na qual se encontra uma carne frágil, pele sardenta, pegajosa e macia ao mesmo tempo, sim, é difícil de descrever o corpo de um ser habitável, me comparo, com o mesmo de tocar o monte Everest, sim, esse, alto, com ângulos pontudos e de movimentos bruscos. Uma tela perfeita aos olhos dos admiradores. Sara, garota, admirada, bonita, morta, sim, ou não? Tente vê-la com olhos de cristais, aqueles, brilhosos, que ficam bonitos em prateleiras caras e bobas de uma sala de estar qualquer. Até a sua mesmo. Veja que ponto magnífico, pode ser encontrado uma Sara, menina, menino, dane-se, é tudo o mesmo.

Aquela velha história de que, apenas, inteligentes, leitores ávidos, conseguem descrever um bom personagem, esquecer, sim, esquecer todo o resto, e ver o rosto doce e sardento da Sara, que se encontra presa a uma floresta escura e suja, que floresta? Há de ser, uma das mais belas florestas escuras e assustadoras. Bem, o que quero enfatizar é que, uma jornada comum entre sonhadores, é comum saber o que os sonhos podem fazer e transformar um pequeno conto, em grandes territórios oculares, é tão palpável e tão real que quase sinto, uma pequena brisa quente passar ao meu belo rosto. Caro, leitor, as memórias são presentes únicos, sim, algo seu, algo impecável, só você, as tem. Claro, é difícil notar o quão lindo e diferente seria, um ser com pele gelada, pálida e franzida, com o passar do tempo. Sim, essa é a morte. Pena, que morte? A nossa, sim, todos sabem, um dia todos os habitantes não estarão mais por aqui para contar o que há de acontecer, pois justamente esse é o que carrego para todos que comprovam que a morte é enigmática e simples.

Que sucinto sou, falando de um medo mortal. Isso é tão comum aos olhos dos medrosos. Medrosos esses, que, por sorte ou apenas destino, acham que, a sua vida é mais importante que a dos outros, é uma viagem, a vida, tudo, esse flash que passa, todos os pensamentos passados, todos os medos, amigos, e pessoas que vemos todos os dias, estariam muito bem, isolados em uma terra cheia de outros seres. Seres como Sara, a nossa querida do diário que os escrevo. É difícil compreender o que quero escrever para transpor pensamentos distintos do normal, por isso, o normal é chato, ou, não? Evolução humana, sim, essa é a palavra, toda a história da floresta, suja, escura, há, sim, essa é a verdadeira floresta. Perceba, que, a todo o momento ou em qualquer circunstância, poderemos ver que, a floresta é esse meio em que vivemos em que Sara vive. Sara, é um nome e uma moça linda,

cabelos loiros, pretos. Sim, uma moça de cores, sentimentos, que, por ironia do destino, passa por aqui, com uma pequena puga atrás da orelha, com medo do desconhecido, taciturnamente o medo do mundo. Medo do monte Everest. Claro, quem nunca? Sim, existem os corajosos, os bravos e determinados seres que ousam atravessar, caçar e viver várias desventuras de segundo em segundo.

Abro, esse caderno, esse diário, com uma forma de carinho e apreensão, pois nele, sei que, existe escrito, escritos passados, que há de voltar ao lê-los. Não, não quero, mas, existem essas consequências. Consequências aterrorizantes, mas profundas e ácidas. Aquele olhar soslaio é tão belo, ao comparar com um olhar direto, amargo, seco e passageiro. Isso, sim, é a invenção da roda gigante, aqueles velhos altos e baixos da vida. Superstição, maldade, de tudo um pouco o ser carrega dentro de si.

Mas, não é de se orgulhar, escuta, existe tantas coisas piores por aí, até mesmo, um menina perdida em uma floresta por aí, caro imaginário, sinto-lhe informar, que isso tudo não passa de um sonho, e aposto eu, seu narrador, que, estás sonhando. Por favor, acorde-me, tire-me, saca-me daqui, empurra-me PARA ONDE? Não há lugar, ou lugares, estou eu, sim, sozinho com minha garota, garota essa, menina essa, moçoilã essa, Sara. Pergunte-me, onde andarás a menina. Não, não sei. A floresta a engoliu, sim, a floresta escuta. Sabe, aquela floresta? Sim, essa mesma. Não existe mais.

Evaporou como mágica. Mágica?

Sim.





# Pantin

Joh Albuquerque

**P**ronto, deixa de teu pantin, visse?  
Agora deu, vai começar o pantin?  
Que pantin é esse, hein, criatura?

Pantin, neologismo nordestino.  
É pra dizer que a pessoa  
está com muído pra sair.  
Que viu cabelo em ovo.  
Que implica com besteiras.  
Dá chilique, faz melodrama.  
Cheio de frescura, sabe?

Inventa dor pra não sair.  
Inventa que não tem roupa.  
Que tá se achando feio.  
Emburra a cara.  
Quer ser chaleirado.  
É muído, é muído sem fim.

Esse tal de pantin  
é famoso por aqui.  
Cada um tem no mínimo um.  
É pantin, esse menino.  
É uma ladainha sem fim.  
Pra fazer um pantinzeiro  
mudar de ideia quando encuca,  
ah, bote verso e verbo  
pro sujeito deixar o pantin.

Encontrei um tal de pantim.  
Sim, com M.  
Mas né desse que falo, não,  
este é boato, notícia que pode assustar.

O meu pantin, com N no fim,  
esse é nordestino que inventou  
pras coisas conquistar.  
Uma forma nordestina  
de fazer melindre, de fazer drama,  
E alguém o chaleirar.

Vai, deixa de teu pantin!  
Oxe, talvez seja um teste  
pra ver se gostam de quem estar  
a fazer o pantin  
Será?  
Deixa de teu pantin, visse?



# Pétalas

Fábio Prado

**É** uma história comum da desgraça humana. Rodrigo reencontrou a dor durante a sua vida porque até seu berço veio do mal. Não, não quero ser mais um determinista como foram meus antecessores. Minha intenção é apenas regurgitar o pessimismo que me perseguiu ao passo que adentrei na vida dos *gauches*. Talvez eu nunca tenha adentrado. Talvez eu sempre fui torto, tal qual o homem que cuspo a história sob a égide das palavras.

Os dias de Rodrigo eram suburbanos, como o silêncio numa avenida de metrópole. Seria ultrajante dizer que a história de um garoto de classe média é suburbana sem uma devida explicação. Para ele, a vida era um pugilista deixado no ringue sem a assistência necessária. Note que não estou escondendo o passado dos verbos, afinal todo agir é dotado de uma dor, um significado e um mistério a ser resolvido.

Para começar a ditar o sofrimento, devo dizer que Rodrigo é fruto de um amor infrutífero. Quando estavam na ardência dos 20, Roberto e Marina encontravam-se na universidade para debater sobre um futuro incerto. Ele, sedento pela fuga dos dias comuns, era um broto do desgosto, um segredo preso na garganta, um personagem estático de quadro impressionista. Ela, retalho do desajuste, inspirava morros de gente com suas frases rígidas e psicodelicamente moralistas.

Essa combinação controversa funcionou da mesma forma que um antibiótico ingerido com leite: aparentemente funcional, fisicamente comprometido. Roberto cantava amores em contato com seu violão enquanto acendia um de seus charutos cubanos e escondia a vontade de ir embora do ambiente onde escolhera ficar. Marina nunca demonstrou grandes interesses em seu novo marido. O objetivo dela tornava-se mais claro com o passar dos dias: ter um filho. Tal ideia era facilmente assimilada quando se percebia o enorme tempo que Marina dedicava a observar crianças em praças da cidade e em capas de revistas.

Não demorou muito para que o casal viesse a gerar o fruto de um pecado superior ao sexo. A criança, que seria filha única e sozinha até o final de seus 23 anos de vida sem sentido, era descendente de um amor impuro e interesseiro. Nasceu sem maiores infortúnios no parto e recebeu auxílios que as pessoas logo associariam a ser um jovem “nascido em berço de ouro”. Contudo, mal sabiam que sua juventude seria fraturada a cada constatação de desamor. Rodrigo era, portanto, a esperança natimorta.

Os primeiros anos de infância passaram-se rápidos. A todo momento, Marina observava seu filho com atenção e costumava dizer que ele era a “delícia da persistência de um sonho encoberto”. Roberto achava aquela pequena massa de vida um desperdício de dinheiro e de dor, pois sabia que Rodrigo viria a ter um futuro sofrido em breve. O pensamento não estava errado. As leituras do consolidado professor de História da Universidade de Brasília surtiam efeito mesmo sendo frequentemente pessimistas.

Schopenhauer, Nietzsche e Sartre ocupavam estantes superiores na casa, da mesma forma que a morte na cabeça do conceituado historiador. Foi então que, na sutileza do fim, Roberto foi tomado pela mesma angústia de João Gostoso na lagoa Rodrigo de Freitas. Quis morrer, no entanto não gostaria de deixar um milésimo de poesia ao longe. Trancou-se na garagem, ligou o carro e esperou, sob a leitura de Álvares de Azevedo, seu sangue tomar-se de monóxido de carbono, já que nem respirar era uma atividade agradável.

Rodrigo tinha 6 anos quando tudo ocorreu. Marina revelou uma postura entristecida e, ao mesmo tempo, aliviada. O filho não compreendeu tal comportamento, mas não chegou a questionar. Estava mais próximo da mãe, porém percebia uma aura de diferença. O luto começou a transformar-se em veneração.

Esse sentimento se seguiu até Marina dar a ideia de contar histórias para Rodrigo antes dele dormir. Eram histórias nítidas, vivas, claras e escuras, como os momentos em que a sombra da mãe se afastava do garoto e se aproximava com alguns segundos de diferença. Entretanto, aquilo não saiu da mente do filho principalmente pelos olhares. Eram olhares mistos, ambíguos, oblíquos: penetravam a alma do garoto, de modo que ele podia sentir na própria pele e Marina expressava uma felicidade incompreensível por um vasto tempo.

Rodrigo cresceu e preferiu passar os minutos possíveis fora de casa durante a adolescência. O principal ambiente escolhido era a escola, onde possuía uma quantidade mediana de amigos, dentre os quais estavam os mais populares do colégio. Como é de notório saber, as mentes vazias e arrogantes desses adolescentes eram responsáveis por menosprezar aqueles que não se encaixavam nos seus padrões. Infelizmente, o filho de Marina não impedia tais acontecimentos, o que o fazia se sentir mal a ponto de chorar todas as noites após trancar o quarto para não lembrar as histórias da mãe.

O ensino médio terminou e Rodrigo pôde afastar-se de suas antigas amizades. Ao iniciar o curso de Direito, conheceu alguns poucos colegas que mais estavam interessados em seus bolsos do que em seu caráter. Embora as companhias não fossem as melhores, o jovem encontrou uma mulher-jardim, cujas folhas mostravam-se verdes a cada sorriso que ela distribuía. Ele logo descobriu que o nome dela era Helena e era florista com o intuito de custear as despesas com sua moradia.

Ao contrário do relacionamento dos pais, Helena e Rodrigo complementavam-

se e os dois sentiam isso. Rodrigo, todavia, sentia o desprazer em cada prazer enquanto sua namorada era a beleza americana, um próprio conjunto de pétalas que ele não conseguiu tatear. Não, o garoto não conseguiu demonstrar seu amor real por ela. Ele era um túnel infinito e indecifrável.

O sentimento já não era o suficiente. O preço de um ingresso do cinema, o sexo sem orgasmo ou mesmo a cor das rosas que Helena dava a Rodrigo eram motivos de discussões. As rosas escarlates que ele via eram da cor de sua apatia, mas ela insistia que eram brancas o tempo todo.

A situação piorou quando Rodrigo achou, entre seus entulhos, uma lista de livros que Roberto havia selecionado para o filho antes de morrer. Lá estavam Schopenhauer, Nietzsche e Sartre novamente para assombrar os pensamentos de mais um estudante. Ao terminar as leituras, Rodrigo isolou-se em sua casa por alguns dias sem manter contato com Helena. Ele pretendia não se comunicar com ninguém e respirar suas próprias misérias sem as interferências, contudo precisava comer, o que foi cedido por Marina sob a condição de contar as antigas histórias a seu filho.

Não havia mais sentido. Rodrigo tentou livrar-se de todos os seus males e só encontrou um oceano negro e sem respostas dentro da própria cabeça. Era dor sobre dor, capaz de criar uma escadaria de lágrimas dentro de si. As histórias da mãe estavam nessas escadas: vívidas e ambíguas. Não, não era possível continuar.

Quando notou que a mãe havia saído, ligou para Helena e disse para ela não procurar mais. Assim que desligou o telefone, correu em direção ao banheiro. Em cima da pia, as escovas de dentes eram os focos de atenção para quem entrasse no local, mas os olhos de Rodrigo pularam até a navalha. Olhou-a com voracidade e já sabia o que deveria fazer.

Helena, embora sofresse com o colapso do namoro, ainda tinha esperanças em reatar. Ela não sabia que namorava o fruto da dor. Pegou uma de suas rosas brancas e foi à casa de Rodrigo. A porta estava aberta, como seu coração para a reconciliação. Seus pés, contudo, derreteram quando os olhos avistaram a vida de seu namorado se esvaindo. A sanidade da mulher perdeu-se da mesma maneira que o futuro do jovem garoto.

Os pés de Helena fincaram-se no núcleo da Terra e nunca mais soltaram. Tornou-se estática, muda e incrédula. No fim de tudo, segurava a rosa, a qual se desmontava pela haste ter se desprendido da flor, e chorava a cor escarlate que era o novo tom da planta. É apenas uma história comum da desgraça humana e Rodrigo é mais um silenciado por sua tristeza. A única dúvida que resta é se as pétalas tingiram-se de vermelho ou se sempre foram assim.



Querido  
alguém distante



# Querido alguém distante

Sara Queiroz

**P**rimariamente, gostaria de pedir desculpa, por estar tão envolvida em sua vida, que com certeza deve estar coberta pela paz consequente de suas muitas virtudes, das quais talvez eu só tenha uma: a paciência. Peço desculpa por esperar por seu amor épico a cada dia de minha vida monótona. Peço desculpa por querer você mais do que tudo que eu poderia receber. Peço desculpa por querer respirar cada parte de você. Peço desculpa por não ser a garota que você esperava, ou a mulher com quem você sonhava. Peço desculpa por sonhar com você e repetir seu nome repetidas vezes em meus pensamentos. Peço desculpa por perder toda a minha sanidade imaginando você ao meu lado. Peço desculpa por amar você tão loucamente, apesar de não ter o privilégio de ver seu doce e angelical rosto.

Depois, gostaria de me justificar, esperando que não seja em vão. E que você acredite que, na verdade, eu nunca passei de uma pessoa fraca emocionalmente, e fisicamente, para ser sincera. Gostaria de dizer que faz tempo que eu quero explicar minha situação. Mas, não sei... acho que algo me bloqueava. Algum medo. Medo do que poderiam pensar de minha paixão. Medo de não conseguir me libertar. Medo de não conseguir mostrar-lhe tudo o que tenho para mostrar. Medo de derramar essas lágrimas por puro e simples clichê, até porque todo mundo nos filmes faz isso ? é o que dizem. Medo de fazer algo errado. Você deve saber que eu nunca fui uma pessoa decidida sobre tudo, e que eu, sinceramente, passei boa parte da minha vida escolhendo caminhos e abandonando alternativas. Você deve saber que eu nunca fui de saber o que era certo mesmo. Você deve saber que quase sempre eu ficava em cima do muro, entre minha racionalidade, tão friamente obtida e rainha de minha imagem “responsável”; e minhas emoções, que sempre foram o caminho mais incrível e desconhecido de todos dos que poderia escolher, que sempre foram a parte mais encantadora de minha vida. E talvez você saiba que eu nunca quis que ninguém soubesse, que nunca ninguém me perguntasse quem eu amava de verdade. Porque eu mentiria. Mentiria dizendo que me apaixonei por um rapaz que morava ali, ou por um rapaz que simplesmente eu conhecera na escola. Sendo que a verdade mesmo é que eu nunca me apaixonei de verdade como me apaixonei por você. Por esse sonho tão estranhamente maravilhoso que é sentir sua presença. Me apaixonei por um desejo de tê-lo ao meu lado. Me apaixonei por alguém distante. Me apaixonei por alguém que me fez acreditar no amor. Me apaixonei por alguém que tão loucamente espero que volte a estar ao meu lado.

Você pode tentar imaginar o que as pessoas diriam se soubessem disso, “o que essa garota tem na cabeça? ”. E eu as responderia, “tenho muito amor para dar, isso eu garanto”. E depois elas diriam, “você só pode ser louca em amar alguém tão distante de seus braços”. E eu riria um pouco, e depois diria, “como podem amar, então, todos esses santos nos quais acreditam? Assim como vocês sentem a presença deles, eu também sinto a presença do homem que sempre amei”. E assim seguimos com nossos níveis de loucura. Gosto de imaginar que pode ser divertido passar por isso, apesar de muitas vezes, me sentir estimulada por um mundo frio e sem graça a aceitar minha paixão por você como uma coisa anormal, fora do comum. Mas algo grita lá no fundo do meu ser, dizendo que talvez essa seja a resposta. A verdade. Meu amor por você pode mesmo ser uma loucura. Pode mesmo ser fora do comum. Pode mesmo ser anormal. E essa voz estranha em mim também me diz que é essa diferença que pode salvar o mundo um dia. E, ainda mais. Pode trazer você de volta para mim.

Estou meio perdida com as palavras, ultimamente, e quero mesmo que você, por favor, releve essa minha infantilidade ao escrever. Acho que o fato de que posso estar escrevendo para você me deixa com arrepios, com um frio na barriga agradável, de certa forma. Com uma confusão no cérebro. As palavras correm soltas, e, ao mesmo tempo, que quero escrever tudo, acabo escrevendo nada. Esse é um dos meus medos, lembra?

Outra coisa que gostaria de lhe dizer é que, mesmo sendo uma aventura e tanto esta de estar apaixonada por alguém tão distante, eu ainda derramo minhas pobres e desconsoladas lágrimas, que muitas vezes descem em meu rosto rasgando-o com seu desânimo e seu abatimento. E ainda insisto em ouvir essas músicas deprimentes que foram escritas por pessoas que conviviam com seus amores. Que conversavam, e riam, com eles. Que os ajudaram a colocar as palavras no papel e as notas no instrumento. Mas, eu? Eu estou escrevendo aqui, tentando criar essa partitura de palavras, sem nunca ter convivido com sua mente criativa ou ter ouvido seus pensamentos antes. Talvez esse ritmo entediante lhe chateie. Mas, acredite, eu até que me sinto bem melhor em estar colocando essas coisas finalmente no papel.

Sabe quando você sai de casa? Provavelmente com seus amigos, para uma volta pela praça da cidade ou pela biblioteca central. Então. Quando eu saio de casa, o que raramente acontece, fico imaginando você do meu lado. Fico imaginando como seria quando passássemos em frente ao carrinho de sorvete. Quando nós compraríamos sorvete e sujaríamos um ao outro, e depois continuaríamos nossa interessante troca de palavras. Como seria quando fôssemos a biblioteca. Quando nós procuraríamos livros de autores famosos ou com capas bonitas, e depois continuaríamos com nossa sublime troca de palavras. Como seria quando saíssemos para dar uma volta pela cidade. Quando nós encontraríamos um pátio de dança ao ar livre, e depois dançaríamos com nossa respiração acelerada, tendo como ritmo a

batida de nossos corações. Penso eu que nada poderia completar melhor o espaço vazio em meu peito.

Eu nunca pedi nada. Minha família é maravilhosa. Minhas notas na escola têm sido muito boas. Não estamos encarando problemas financeiros. Sempre tivemos saúde e comida na mesa. Tenho pessoas aqui comigo que posso chamar de amigos. Mas assim como nunca pedi nada, também nunca mereci nada. Me sinto ingrata em ter que implorar, em meus pensamentos, antes de dormir, que eu preciso urgentemente de você aqui. Não sou a pessoa mais correta do mundo; não sou como meus próprios personagens, criados na base da coragem e ousadia; tenho muitos erros, muitos medos. E esses erros me fazem pensar com grande frequência se mereço mesmo você. Se não seria melhor deixar isso para lá e tentar com o garoto que mora na mesma rua que eu. Mas, depois que penso no seu sorriso, nos seus olhos sobre os meus, no seu toque, em meus sonhos. Uma energia, algo como um choque de amor, me invade, lançando por terra todos esses pensamentos, e me fazendo reafirmar o quanto eu amo você, e o quanto eu preciso de você. Por isso, insisto em lhe pedir desculpa. Porque talvez eu não seja o caminho mais certo para você, mas posso afirmar, com certeza, que serei o mais inusitado, o mais extraordinário, o mais exótico. O único que vai fazer cada segundo valer a pena. Isso, absolutamente e indiscutivelmente, eu posso lhe prometer.

Não mentirei. Mas, acredito muito que você tenha sido designado para mim desde o início. Que nossos destinos um dia iriam cruzar e eu ia te ver pela primeira vez. Um dia eu sairia de casa correndo pelas ruas molhadas da chuva e só pensaria em te encontrar, e saber que você está bem. E um dia eu estaria frente a frente com você, e olharia em seus olhos, sua pele na minha, e finalmente diria o que sempre quis lhe dizer: Eu te amo.

Sem mais enrolações, eu quero dizer que não importa o que aconteça; se por acaso não nos encontrarmos agora, ou se por acaso passarmos por outras pessoas; eu estarei pensando em você. Estarei com sua imagem na minha cabeça. E ela nunca vai me abandonar. Ela vai estar sempre alimentando meu amor por você. Seus olhos vão ser sempre meu universo de emoções. Seus lábios vão ser sempre o lar dos meus. Seus cabelos serão sempre o ponto mais acariciado pelas minhas mãos. Seu rosto será sempre a mais bela obra de arte de todos os tempos. Seus ombros e braços serão sempre meu porto seguro. Suas mãos serão sempre o local mais aconchegante para as minhas. Seu coração será sempre pertencente ao meu.

Devo lembrar-lhe também, leitor, que sou altamente possessiva e que o seu amor também me pertence.

Assim como, também me entregarei para você. E te contarei meus segredos, te mostrarei tudo o que tem aqui, no meu coração. Te ensinarei o que eu sei. Farei o possível e o impossível para te ver bem, para te ter aqui. Sempre comigo. Vou te dar minhas palavras. Todo o meu corpo. Todo o meu tempo. Toda a minha

atenção. Toda a minha esperança. Toda a minha fé. E todo e qualquer rastro de virtude que eu tenha aqui. Vou te dar, constantemente, todo o meu amor. E tudo mais do que você precisar, do que você quiser.

Espero que tenha chegado em paz até esse pequeno final que demorei tanto para escrever. Para descrever.

Desculpe, deixe-me corrigir algo. Nunca vai haver final. Nunca vai haver um ponto que termine com nosso amor. O amor nunca tem fim. Por que seria diferente aqui? Só quero dizer mais uma vez, e enfatizar o que já falei antes, e não quero nunca que se esqueça. Eu te amo. Meu belo e angelical leitor. E estou sentindo você agora, enquanto passa seu olhar atento por essas palavras, tão confusas e um tanto fora do comum, mas que foram escritas com todo o amor que alguém poderia dar, ou melhor sentir.

Atenciosamente,

Alguém que espera por você.



# Rigor Amore

Saulo Matias

*“O segredo do amor é maior do que o segredo da morte.”*

*Oscar Wilde*

**C**urioso que, em seus últimos momentos de vida, Clara não tivesse ninguém mais em sua companhia a não ser um pequeno vaga-lume. Os olhos cerrados por meses a fio enfim se abriram à luz do dia e, neste instante, veio ao seu corpo toda a consciência de vida que os sentidos podem proporcionar; vieram da mesma forma os movimentos às suas articulações e tirando sua aparência debilitada, adquirida por anos presa a uma cama, seu olhar tranquilo exalava uma vida recém-nascida - mesmo que atrelada a um instante delicado como asas de seda. Não levantou como lhe disse o primeiro desejo, preferiu aguçar a audição para descobrir o que lhe rodeava e ainda era invisível. Então, a sentiu.

– Achei que fosse ver pelo menos seu rosto - disse, dirigindo a voz a um lugar mais escuro do quarto, onde a luz laranja do dia não alcançava.

– Para quê me ver quando saber-me é quase do tamanho da Eternidade em si. - disse uma voz suave e de muitos timbres e de sombras - se sente triste?

Clara deu um longo suspiro, sentindo o pulmão gelar com o ar misterioso do quarto.

– Maior tristeza passei esperando que viesse todos esses anos.

– Vim na hora em que está certo vir. Está tudo perfeito. Desperdício preenchê-la de passado.

A mulher continuava com o olhar fixo no ponto de onde vinha a voz. Esticou a mão em direção do criado-mudo, abrindo a gaveta. Tateou por entre remédios e outros objetos que não pode identificar até encontrar as contas lisas de um rosário. Trouxe-o pra si.

– O momento em si está perfeito, - disse Clara, apertando o rosário ao peito. Seus ossos não mais estalavam nem doíam. Viu o vagalume pousar no dossel da cama e, depois de quase três anos, deu seu primeiro sorriso.

– Você soube deles, dos vaga-lumes? - perguntou Clara.

– Um presente de despedida, tal como de boas-vindas. - respondeu-lhe a voz. Clara fixou o olhar no pulsar esverdeado.

– Eu e minhas amigas costumávamos caçá-los nos charcos que ainda existem atrás da casa, me davam tanta alegria? Haviam desaparecido por um tempo, junto com as outras coisas de minha infância...

O olhar de Clara agora se detinha perdido nas sombras que tomavam forma lá fora, nas paisagens longas que abraçavam a noite. Sentiu quando algo se sentou à cama e acariciou seus cabelos ralos. Ela não se virou para ver.

– Chegou a hora. Algum arrependimento?

Clara sorriu mais uma vez.

– Para você ver como é a vida: tanta coisa para se arrepender e a única coisa com quem me importo neste instante é com a luz dócil de um pequeno inseto...

– Talvez porque tudo é tão breve quanto este intervalo entre uma luz e outra.

O vulto inclinou sua face junto à de Clara e beijou-lhe. Então a noite chegou, sem susto, nem gelo - ao contrário do que sempre temia.

Depois do velório e do enterro, os poucos parentes que ainda permaneciam andavam pela casa como fantasmas, mais etéreos do que a própria ideia da morta recente. Traziam perguntas e conselhos, palavras de conforto, todas vazias de sentido para Ana. Ela mesma, só conseguia servir café e oferecer bolo ou biscoitos, de forma automática e sem sentimento. O que perguntavam não sabia responder. Só lhe chegava à parte mais confiável da mente: os cochichos, os olhares esguios, a pena, que era tão pesada que podia ser cortada a faca. Depois que foram embora e ela se viu enfim só, algumas perguntas ainda ecoavam-lhe na mente. O que você vai fazer agora? Vai vender a casa, vai morar na cidade? Ela repetia a si mesma, e as respostas não viam. Ouvia os uivos do vento que também lhe faziam perguntas, as paredes perguntavam também se juntando ao coro subconsciente, questionando o que fazer.

Quando acordou, já era tarde. Pulou da cama ao ver o sol alto. Mas depois relaxou. Não havia mais horários de remédios. Não havia alguém para lavar o corpo ressequido e machucado pela inércia prolongada, dar de comer ou aplicar-lhe injeções. Não haviam feridas, nem o cheiro, nem a dor silenciosa e seca de lágrimas ou apelos. O Vazio, apesar de opressor, nada lhe exigia, não tinha urgências. Cruzou o corredor passando pelo quarto que era da mãe. Parou um instante observando as sombras estáticas que via pela fresta da porta trancada. Sentia que o Vazio talvez estivesse lá, dormindo no lugar da mãe. Em breve seria ele dono de suas insônias, de sua atenção debilitante, de suas náuseas e medo, dono de sua repulsa e revolta, dono também de seus trágicos pecados. O Vazio tinha anulado até a saudade: “Ainda não chorei”. Disse baixinho, o olhar fixo na soleira da porta e o Vazio não respondeu.

Por volta das quatro horas da tarde, recebeu a visita de Renata, a amiga. Trouxe flores e chorou um pouco as suas lágrimas furtadas. Ana contou-as com desgosto, uma estranha lhe tomava o luto e o dava sentido.

– Foi melhor, assim, sabia? - apertou de leve o antebraço descansado na mesa. Ana assentiu com a cabeça.

– Tantos anos em cima de uma cama, sem falar, sem se mover? Presa no invisível? Devem ter sido dias terríveis para ela e para você, que como ela era prisioneira.

Ana desviou o olhar para o fogão, uma chaleira borbulhava. “Agora você e ela estão livres”. Virou-se para o lado, para o corredor que dava para a sala de estar. O Vazio estava lá, “e porque ainda estou presa”, ela sabia.

– Fico pensando se sofreu no último instante, se precisou de mim.

Renata parou de falar sobre compensações quando percebeu que o olhar da amiga ganhava cores cada vez mais sombrias e esquivas.

– Você não soube, mas estes dias em que ela piorou e você não foi mais à cidade, veio um médico querendo saber da doença. Queria te conhecer, mas ninguém encorajou devido à situação.

– Queria saber da doença?

– Saber de sua mãe, o que ela tinha, disse que queria ajudar. Estava pesquisando, coisa de médico. Falou pouco e quando expliquei foi embora por onde veio. Disse que voltaria semana que vem, eu acho.

– E como ele soube da gente?

– Por outro médico que examinou sua mãe.

Ana serviu Renata e nada mais perguntou a respeito.

– Não vou a lugar nenhum mesmo. Se voltar ele me fala.

– Você vai recebê-lo? Adianta agora?

– Pelo menos será bom falar sobre isso com alguém.

Tomaram café, Ana lhe mostrou alguns bordados que tinha terminado. Conversaram coisas de moças e a morte dissipou-se pelas janelas abertas, nos ventos do outono. Ela esperou pelo médico alguns dias. Chaleira no fogão, biscoitos frescos no pote de vidro, casa arrumada e arejada para as visitas. Depois se esqueceu dele, nos dias a fio em que transitava pela casa, evitando dar de cara com o Vazio, que ocupava os cômodos alternadamente como um fantasma. Passava grandes partes do dia cuidando do jardim, arrancando flores murchas e se livrando das lesmas que comiam a carne das folhas e caules.

A rotina ainda resistia e Ana tomava emprestada esta antiga nobreza - a do sentido - até para pentear os cabelos. Andava pelos campos compondo arranjos que colocava nos vasos da casa, sempre pedindo licença ao Vazio. Lavou as cortinas e lustrou o piso. Também livrou-se do lodo da madeira, e do pó sobre os retratos da família. Lutou dia a dia pelo sentido de ser e de estar. Quando o dia amanheceu mais quente, e ela estava na varanda iniciando um novo bordado, o médico apareceu. De imediato Ana lembrou-se de um dia quente e ensolarado onde o tempo parou. “Não é um velho”, pensou. “Então não deve saber de muita



coisa, nem da vida nem da medicina.” Ele apresentou-se e fora convidado a entrar, ela fez o café planejado há dias, deu os biscoitos que já não eram tão novos quanto quis que fossem. Mostrou-lhe as receitas de remédios passados por outros antes dele e também o laudo que decretava a enfermidade da mãe como desconhecida e sem cura. ? Ouvi falar que ela não foi a única a padecer desta enfermidade.

– Minha avó - respondeu abrindo um álbum antigo. Apontou para as mulheres que conhecia nas fotos desbotadas. Disse que sua mãe começou a apresentar os sintomas depois da meia idade.

– As coisas foram piorando ao longo dos anos - explicou.

Ana contou ainda que o pai morreu de uma queda de cavalo, quando ela era muito pequena, mal se lembrava dele. Neste tempo a mãe tinha saúde e assim permaneceu até quando ela estava crescida. Ele ouvia atento, anotando tudo.

– Não foi pela viuvez, podemos concluir? Algumas pessoas têm tendência a uma depressão severa com a perda de alguém querido. Ficam doentes, morrem de tristeza.

Ela foi em busca das lembranças da mãe antes de adoecer. Era calma e leve, sorria sempre. Durante e depois do luto continuava a plantar flores. Pintava quadros de paisagens de sonho e com cores. Até que um dia suas mãos secaram, impedindo de cavoucar a terra para as mudas, ou separar tintas, segurar o pincel. Primeiro as mãos, depois as pernas ficaram fracas, e a pele perdia o viço a cada dia, assim como o brilho nos olhos ia ficando opacos e vazios. Quando finalmente não pode mais andar e ficou confinada ao quarto, já não mais sorria. Não falava das flores ou da chuva. As palavras foram rareando também, passando dias sem dizer nada, a não ser que lhe perguntassem algo. A doença era algo terrível aos olhos das visitas e até os médicos que vieram atendê-la se entristeciam. Um dia, que Ana não lembra ao certo qual, entrou no quarto e viu Clara com o olhar perdido, típico dos doentes terminais. Ana tinha ido apanhar as roupas do varal. Ela apenas perguntou se a filha havia visto algum vaga-lume. “Eles aparecem nos charcos nessa época do verão.” Foi a última coisa que ouviu a mãe dizer. Nos dias seguintes, Clara piorou de forma considerável. Seus cabelos reduziram-se a um punhado ralo de fios, e todos os seus músculos atrofiaram e endureceram. Seus pés e mãos eram como garras e em alguns meses nem de longe Clara parecia ser a mulher bonita e cheia de vida que já fora um dia. Ana lembrou também como era doloroso mover a mãe, já que seu corpo estalava devido a rigidez que havia tomado conta de cada articulação, ouvia um terrível som como se os ossos estivessem se partindo. Mas não ouvia gemidos ou qualquer sinal de que a mãe estivesse ali. Muitas vezes, em meio ao silêncio do sepulcro que era o seu próprio corpo, Ana encostava o ouvido no peito esquelético da mãe para ouvir seu coração. E era a única coisa viva que podia sentir dentro dela. Fez as contas de quantas vezes, tomada pelo terror, acordava de um sonho onde a mãe havia morrido e ela não

estava lá para ajudar. Ia até o quarto, tropeçando no escuro para ouvir o mesmo som ritmado do coração no peito. Era um relógio, um tique-taque que apontava para um destino desconhecido.

O médico escutou o relato com toda a atenção. Lembrou de pacientes oncológicos, doenças degenerativas conhecidas, mas ao confrontar os laudos, nada batia. Depois que foi embora, prometendo voltar na semana seguinte para continuar a investigação, Ana fez uma nova fornada de biscoitos. Tirou um bom pedaço de tecido e começou a bordar um ramo de lavanda que enfeitaria novas fronhas. Foi até a cidade e comprou um perfume de jasmim branco. Rebeca disse que ela estava menos tensa e com a aparência descansada.

Na segunda visita, Ana continuou a responder as perguntas e seguir com os relatos. Observava o jovem médico escrever de forma rápida e precisa nos blocos que trouxe. Prestava atenção em suas mãos, e nos fios negros de pelos sobre a pele branca. Imaginou a textura de suas digitais. O rapaz desta vez escrevia sobre a avó de Ana, que começou a ficar doente quando o seu avô voltou da guerra. Eles voltaram ainda mais no tempo., A moça contou o pouco que sabia: se chamava Inês, era uma robusta mulher da lavoura, que plantava suas próprias batatas e que teve três filhos: Clara e mais dois homens que se perderam pelo mundo desde a juventude. Casou aos treze anos, e na noite de núpcias arrumou na cama todas as suas bonecas antes de ir se deitar. Pela manhã, estavam todas despedaçadas, assim como a infância da mulher que se fez naquela noite. O avô era um homem rude, de pouca conversa e que não era dado a carinhos. Inês voltou-se para a criação dos filhos, cuidando da casa e dos deveres de esposa. Aceitou seu destino com honra e coragem, e se fez mais firme ainda nesta aceitação.

Um dia, o homem foi para uma das muitas guerras do seu tempo e depois de longos anos voltou pra casa. Inês já tinha começado a tingir os cabelos de branco, criado seus filhos e provido o lar por ambos. Voltou mudado. Os horrores que presenciou abriu portas nunca abertas, e o rude fazendeiro deu lugar a um atencioso e amável marido, quebrantado por uma mão violenta que esmagou muitos como ele. Clara contava que já era moça feita quando ele voltou. Muitas vezes o via junto aos bosques, com um sorriso grato no rosto. Quando perguntavam o que fazia tanto tempo por entre as árvores, respondia de forma contemplativa: “É que passei um tempo achando que não existiam mais pássaros no mundo”. Ali surgia um novo casal, junto com um novo pai, um novo vizinho, um novo amigo. E apaixonados um pelo outro - e pela primeira vez - reescreviam a história. A avó começou a ficar doente nos meses seguintes, e segundo Clara, a casa toda adoeceu com ela. Quando enfim morreu, o marido passou cada vez mais tempo junto às árvores, ouvindo as gerações de novos pássaros se renovarem em meio às folhagens, meses à fio. De olhos fechados às suas cores, prendia-se a apenas seu canto. Também se fechou em si, quase que retornando à essência bruta que tinha

antes da guerra. Clara cuidou dele mesmo depois de casada. Uma véspera de Natal deu-lhe um relógio de parede que no lugar de cada hora, tinha um pequeno pássaro. Ele sorriu. Já era velho e carregava muitas sequelas de seus tempos de exército, tanto que cedeu enfim a elas antes do Ano Novo.

O médico soube por ela que sua avó padecia dos mesmos sintomas que a mãe, deixando o mundo quando ninguém estava por perto para perceber que o tique-taque que batia em seu peito fez seu último compasso ritmado. E depois que foi embora deixou em casa uma Ana preocupada, pensando no momento exato quando também começaria a perder o domínio dos bastidores e caixilhos. O Vazio, que havia se tornado um eco distante devido ao calor e luz que as visitas frequentes do jovem traziam à casa, voltou mais forte, tomando para si um número maior de cômodos, que eram evitados por Ana a todo custo. Pegava-se olhando para as suas próprias mãos, delicadas e frescas. Esfregava os indicadores e os polegares sentindo os calos causados pela incessante agulha de bordar. Lembrava das garras que via em detalhes quando ia cortar as unhas da mãe. Em uma das visitas, o médico encontrou uma Ana aflita e ansiosa. Sem ter mais nada a acrescentar sobre os acontecimentos passados por sua mãe e avó, temia pelo inevitável: o rapaz sairia dali com seus registros, com parte da pesquisa concluída e talvez jamais voltasse com um parecer que explicasse algo. Suplicou ao médico que a ajudasse a não ter o mesmo fim. Abraçou-o em desespero, e sentiu de perto o cheiro familiar que marcava toda visita do rapaz à sua casa. Respirou fundo para guardar dentro de si o ar que cheirava a boas surpresas. O médico tentou acalmá-la, mas também a alertou que não tinha informações suficientes para oferecer ajuda de fato. Precisava de mais. Ana buscou primeiro na memória: lembrou que depois que alguns meses depois da morte do pai, um primo de Clara fez uma visita à família. Eram amigos desde a infância e tinham uma forte relação de amizade que não se desfez nem mesmo com a distância que os separou quando cada um tomou seu próprio rumo. Clara trocou o preto pelos vestidos que tanto gostava, e sorria novamente em meio às conversas sobre o passado comum a ambos. Quando o homem partiu, enfim, a doença chegou. O médico não achou razão nenhuma para levar em consideração este novo fato. Na verdade, pediu à Ana que se esforçasse mais em busca de registros familiares que pudessem trazer alguma luz à doença misteriosa. Depois prometeu voltar em algumas semanas.

Ana não teve mais nenhuma paz. Mesmo as visitas de Renata não lhe distraíam um segundo e passou a ouvir, dentro de sua cabeça, o mesmo tique-taque que ouvia no tórax ressequido de Clara, noite após noite, para confirmar se ainda vivia. Certo dia acordou disposta a encontrar qualquer coisa que pudesse ajudar. Vasculhou os cômodos mais óbvios como o escritório e a biblioteca. Examinou com avidez e precisão tudo que encontrava: documentos, fotos, cartas. Dias a fio, revirou do sótão ao porão, perdeu-se nas horas e na aflição. Por fim, o único

lugar ainda intocado era o quarto da mãe. Já fazia oito meses quase completos que tinha morrido, e Ana nunca tivera coragem de entrar lá outra vez. Era ali que o Vazio que tanto lhe angustiou estava a maior parte do tempo, multiplicando sua amplitude. Detrás daquela porta fechada tinha algo que ela não queria confrontar: um terror tão primitivo que nem a ameaça da própria morte subjugava.

Uma noite sonhou que estava caminhando junto a um grande rio. Neste sonho, ela parava diante da margem apenas para ver sua imagem refletida nas águas e percebia que o rosário de sua mãe estava preso a um feixe de caniços. Quando se abaixava para pegá-lo, pode ver sua mão deformada, seca e ossuda como a de um cadáver, segurando as contas molhadas. Não dormiu mais, atormentada pela imagem de um futuro quase certo, revelado naquele sonho macabro. Levantou-se antes que o sol e abriu a porta do quarto da mãe, tudo em um único impulso para não dar tempo a qualquer horror. O vazio não estava mais lá. Revistou cada canto do quarto, com a perícia de um investigador. Tudo foi examinado à exaustão. Sentou-se a cama onde Clara costumava ficar imóvel e desabou derrotada. Não havia nada a oferecer ao médico quando ele voltasse a não ser o seu patético desespero. Foi então que pode ver, em meio às lágrimas, a porta que dava para o estúdio de sua mãe. Havia sido trancada desde que a doença avançou de forma a impedi-la de pintar. A decisão foi comum para não causar ainda mais sofrimento à Clara que adorava a pintura tanto quanto Ana amava o bordado. Foi colocada uma cortina por cima, já que a porta era de vidro e da cama poderiam ser vistas as telas inacabadas e em branco que jamais seriam concluídas. Ali, em meio à tintas, livros de arte e outras coisas de pintura, Ana sentiu de novo o Vazio. Podia quase que percebê-lo se encolher condensado em um dos cantos da sala, onde havia uma pequena escrivaninha. Abriu suas gavetas e explorou tudo. Havia rascunhos de desenhos, muitos deles Ana reconheceu que se tornaram os muitos quadros que decoravam as paredes da casa, e debaixo de todos os papéis estava um pequeno caderno de capa de couro, velho e elegante que Ana não reconhecia. O diário de sua mãe.

Na cozinha, onde a luz entrava farta, Ana iniciou a leitura. O diário não era regular, e registrava fases diferentes da vida de Clara. Contavam coisas de sua juventude e também histórias e reflexões de sua vida curta, muitas vezes inexatas. Ana se viu em muitas daquelas páginas, principalmente nas que contavam como foi dura a rotina de Clara nos últimos dias de Inês. Contava da volta do avô da guerra, como estava modificado. Como a mãe rejuvenesceu com o novo homem que veio junto com o fim da guerra. Da lida dura com a mãe acamada, definhando dia após dia e muitas vezes Ana teve a impressão que Clara contava a própria história e da filha em seus últimos meses de vida. Também tinha registros de seu casamento feito de amor fraternal e de seu fim trágico, com Clara perdendo não o amor de sua vida, mas um amigo-irmão querido. Porém, o registro mais tocante

estava nas últimas entradas do diário.

“Pedi a ele por carta que não viesse mais aqui, que tudo não passara de um grande engano, um erro. Na verdade não queria compartilhar com ele todas as angústias que passei ao lado de minha mãe. Eu percebi que o mesmo já estava acontecendo comigo, não havia como negar. Está cada vez mais difícil coordenar meus movimentos, sinto-me fraca e me atrapalho até nas tarefas mais simples. Foi acertado o que fiz ao entender tudo. E ele ter ido embora foi não só providencial, mas necessário. Poupe-me da dor de ter que dizer-lhe cara a cara um punhado de mentiras. Deus sabe que seria impossível. Penso tanto em Ana. Não é justo que ela passe tudo o que eu passei. Espero que eu tenha forças e tempo para dar a ela outro destino. Algumas pessoas não são dadas à felicidade. Mas para Ana, quero que outra história seja contada. Que Deus me ajude.”

Ana mal pode terminar a página. O choro veio como vômito. E aquele choro preso era o Vazio que rondava sua existência como o largo círculo que os urubus fazem diante da carcaça aberta que era seu coração. E este se desfez com cada lágrima, até que sumiu por completo. Ana respirou fundo e leu as últimas entradas.

??Hoje pedi que fechasse o cômodo onde faço minhas pinturas. Mal posso andar e as mãos estão piores, não consigo segurar nem os talheres e Ana é quem me alimenta na maioria das vezes. Fico pensando como será o futuro, onde até minha higiene, minhas necessidades básicas serão responsabilidade de Ana ou de outra pessoa. Ela é tão jovem, tão cheia de vida! Percebo que esta doença a afeta tanto quanto a mim. Vejo em seu rosto a revolta da impotência, e também o medo. Tentei ainda pedir ajuda, mas ninguém pode ou quer nos ajudar. Agora em minhas orações, não converso só com Deus, mas também com a Morte. Peço que ela venha o quanto antes e me leve. Não quero ser um fardo para ninguém, muito menos para minha menina. Espero que ela me atenda, é minha esperança. Contudo, não posso me separar de minha própria desilusão? Justo agora isso acontece... Justo no momento em que eu achava que a vida enfim estava começando...”

Ana fechou o caderno e o apertou junto ao peito. Não conseguia mensurar a tristeza que sentia. Mas também sentia alívio. Algo pesado e espinhoso havia sido retirado de suas costas. Agora, naquele momento, o medo da própria morte era um grão de areia comparado a todas as outras coisas que sentia. Não conseguiu mais pistas da doença misteriosa que tirou a vida daquelas mulheres e que poderia tirar a sua também. Mas de certa forma algo mais dolorido foi curado, mais daninho que também a paralisara e a deixara inválida. Naquele dia dormiu no quarto da mãe, abraçada ao travesseiro coberto com a fronha que tinha acabado de bordar. Sonhou que estava por entre as árvores ouvindo o canto dos pássaros, como avô fazia. Era como se fosse a primeira vez.

Passou o resto do outono, metade do inverno também passou. Quando o médico voltou em busca de novidades, encontrou outra Ana, exuberante, leve e irradiando

uma beleza incomum, típica dos cheios de vida. Seu rosto refletia o que seu coração transbordava e não teve como não se sentir tocado por aquela mudança. Suas visitas foram se tornando mais frequentes que antes e a desculpa da pesquisa não foi mais suficiente para justificar sua presença constante na casa. Ficavam cada vez mais íntimos e a dia após dia Ana desabrochava uma nova cor, e o jovem se prendia a cada uma que surgia. No fim daquele mês, um ano após a morte de Clara, eles ficaram noivos.

Ana começou a bordar um novo enxoval e passava as tardes na tarefa como se fosse uma das coisas mais doces e poderosas do mundo. Sentia o amor em cada ponto, cada volta da linha. Estava tão repleta dele que não havia outra coisa entre o céu e a terra, misturado ao próprio ar, tornando-o mais denso e cheio de nutrientes. Estava trabalhando nas últimas peças, quando sentiu uma pequena dormência nas pontas dos dedos. Achou a princípio que era um sintoma de exaustão causado pela ânsia de concluir tudo antes que o noivo voltasse e então percebeu que seus dedos estavam mais finos que de costume. Pode sentir nesse momento uma onda de terror percorrer-lhe o corpo. A garganta apertou de Vazio que agora estava de volta, dentro e fora dela. Sentiu vontade de gritar, pedir socorro. Mas não o fez. Estava só naquela tarde de verão, onde no horizonte podia ver o sol se pondo gentilmente e um vaga-lume, que voava raso na grama encharcada: um, mais um e depois outro pequeno clarão.



# Seja pássaro

Joh Albuquerque

**D**e depois que um pássaro  
percebe a sua gaiola aberta,  
por medo do novo,  
mesmo sabendo que é o melhor,  
ele hesita, muitas vezes, partir.  
Ele sabe que pode voar  
e que voar é viver.  
Viver, de fato.  
E quando resolve  
o medo do novo enfrentar  
percebe que ser livre  
é a melhor escolha que há.

Depois que um pássaro  
um voo alto realizar,  
a lugares nunca antes explorados,  
ele nunca mais será o mesmo  
caso não possa  
ao mesmo ponto que voou retornar.

Seja pássaro.  
Voe eternamente.  
Não deixe  
nenhuma prisão  
suas asas cortar.  
Onde há amor  
não há correntes.  
Quebre todo tipo de algemas  
e voe plenamente.





# Strangers

Samelly Xavier

“**P**roibida a entrada de pessoas estranhas”. Ela leu e nem se importou. Entrou. Do fundo do corredor, alguém gritou: “Quem é você?”. Péssima e inoportuna pergunta. “Não leu a placa? Estranhos não podem entrar aqui! Saia!”. Sorriu. Disse simplesmente que não era estranha, pelo contrário, bem normal. Acordava às setes horas, dormia às onze. Trabalhava no que gostava, embora quisesse ser promovida. Lia, ia ao cinema, teatro de vez em quando; dançava e escrevia cartas ao futuro, bebia suco de limão com maracujá e achava uma delícia. Comia carne com ressalvas e pedia portuguesa nas pizzarias. Tinha CPF, registro, identidade desde os 12 anos. Gostava de sexo e de abraço em quase mesma proporção. Olhava os dois lados da rua antes de atravessar e dizia “Se Deus quiser” aos bons desejos dos conhecidos. Tinha amigos de farra e outros de fossa. Comia, às vezes, por gula; detestava cheiros fortes; adoecia, esporadicamente. Portanto... Era normal, viu. Logo, podia entrar ali. Ali onde não podia entrar pessoas estranhas. A voz do fim do corredor, cada vez mais reconhecível, soltou um grande suspiro e disse: “mas você não entende nada mesmo...”. Pessoas estranhas são desconhecidas, aquelas que nossas essências não reconhecem. Só isso. Mas, como assim, ela sou desconhecida? Ela não sou estranha! Que o espelho dissesse isso suportaria, mas aquela voz, aquela voz tão familiar, tão normal, tão comum... Eu não era estranha! Nem normal. Queria entrar e eu entrou. “Vou pedir pela última vez: saia daqui! Você não tem nada para fazer aqui”. Chorou. Ela não era uma desconhecida. Ela, não, era, uma, des,co,nhe,ci,da! Ela se reconhecia na essência daquela placa que dizia ‘proibido a entrada de pessoas estranhas’. Ela era a própria voz que gritava no final do corredor. O corredor de si mesma era interminável, alice-no-país-das-Tocou sua mão naquela maçaneta num gesto quase erótico, fechou discretamente e para sempre a porta. Na verdade, suas mãos a obedeceram num gesto quase contemplativo, divino, religiosamente insana. Era devota de si. Chorei. Fechou para sempre o corredor de onde, às vezes, imperceptivelmente, ouvia ecos. Ecos de si mesma que fôra substituída pela placa “Proibido a entrada de pessoas”. Chorou. A vida é estranha? E por que eu a conheço tanto? Choramos. Não, não era proibido a saída de lágrimas. Sorrisos no final do túnel e no corre, dor.



# Vontades

Kelson Marinho Costa

**P**or que é que insistes tanto em permanecer comigo? Embora tenha tentado te manter distante, o teu perfume continua impregnado em minha roupa. As memórias dos dias que tivemos são mais recentes do que as horas que ainda não chegaram. Me resta esperar pelos sinais do querer, notificações eletrônicas, quem sabe? “VÁ EMBORA” diria sem hesitar, em versos ou quem sabe até em uma canção.

Estaria eu sendo cruel contigo? Será esse o muro que separa os nossos dias? Teria eu algum prejuízo irreversível se te deixasse partir?

Sei que esses questionamentos tediosos não me levam a outro alguém que não seja você mesmo e é isso que tenho evitado: que essa vontade de te querer seja danificada; que as cores dos teus olhos se apaguem e que teu gosto, ainda em minha boca, se dissolva, pois dentre as inúmeras coisas que foram despertadas em mim, a maior de todas, foi essa vontade louca de te querer. Mas, há essa distância entre nossos corpos e não há apelo que a desfaça.

Percebo, por fim, que gastaria todo o meu repertório de palavras apenas para dizer o que eu não quero. Então, eu te digo, veementemente: VÁ EMBORA! E seguirei, entorpecido pela ausência, fazendo uso do único anestésico que me faz sentir algo, e isso me mata por dentro. Já experimentei toda a acidez e aspereza dessa tua indiferença, agora é a sua vez de sentir minha falta. É tua vez de trazer as datas, as horas e todos os minutos gastos com olhares, paladar e cheiro.

E não adianta lutar, tua resistência está com os dias contados, ela será preenchida pela minha ausência e o meu perfume, que ficará em teu corpo, e sua essência, inevitavelmente, te conduzirá a mim. Assim, eu estarei tão presente em ti quanto tu estás em mim agora.

Ficarei esperando que me diga: “VÁ EMBORA” eu ouvirei com prazer e agrado. Neste instante, saberás meu caro: Não há quem sobreviva à saudade!

# Sobre os autores

## Fabiana Araújo



Apaixonou-se pela literatura ainda quando criança. Gostava de ir à biblioteca e era comum seus colegas perguntarem onde ela se “enfiava” na hora do intervalo escolar. Também era comum se espantarem com a resposta. O espanto era então transformado em literatura. Com o tempo, a paixão transformou-se em profissão. Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, escreve no trabalho e nas horas vagas.

## Fábio Prado

Fábio Prado teve a infância marcada pelos livros e desembocou sua paixão pela literatura na adolescência, rendendo-se ao encanto da poesia. Ganhador do XXVI Concurso de Poesia e Prosa de São João de Boa Vista e da etapa estadual do Concurso dos Correios, Fábio reserva grande parte de seu tempo ao subjetivismo e ao mundo da arte.



## Joh Albuquerque



Paraibana, de Campina Grande, Bacharela em Direito e atriz. Apaixonada por arte em geral e uma iniciante da escrita que busca aprender mais e mais nesse universo das letras e da poesia. Escreve o que a inspira, o que sente e observa em suas vivências e cotidiano, seja através de sentimentos, experiências e ações vividas por ela mesma, seja através da vivência alheia. A observação é um de seus recursos mais usados, na escrita e na dramaturgia.



### **jonasagapito**

Ideias e conceitos misturam real e transcendental.  
Íons de sódio transdutam informação em signos.  
Estudo tecnicista e literatura grafico-lúdica(?).  
De ser humano a poltergeist andarílo e de volta.

### **Kelson M. Costa**

27 anos, professor de inglês e estudante de licenciatura em Língua Inglesa - UEPB. Apaixonado por Literatura, História, Ciências Biológicas e Astrofísica.



### **Maycon Carvalho**



Desde cedo esteve inserido no universo do teatro, participando de cursos de formação de atores e diretores, além de realizar espetáculos teatrais na cidade de Pacajus, CE. Trabalhou como preparador de elenco para a Série Bandida, da Incartaz Filmes e dirigiu o curta-metragem 'Um poema com café'. Atualmente, está atuando na produção de seu segundo curta-metragem 'Quando decidi falar'.

### **Samelly Xavier**

Gente, poetisa e idealizadora do CLESX.





## Saulo Matias

Saulo Matias é publicitário de profissão e escritor de paixão. Um dia quem sabe a paixão se sobressaia a todas as outras coisas que lhe dão significado. É formado em Jornalismo, com especialização em Marketing e tem nos livros o colo e a inquietação - tudo ao mesmo tempo e o tempo inteiro.

## Sara Queiroz

Olá, meu nome é Sara Queiroz, tenho 17 anos e adoro escrever. Nasci em Fortaleza-CE e me mudei para Sousa-PB quando tinha apenas 4 anos. A escrita é para mim uma forma de me libertar, de colocar e expressar o que estou sentindo ao alcance dos meus olhos, numa folha de papel amassada ou rasgada. Apesar de não admirar muito o que escrevo, tenho o grande sonho de ser escritora. Pretendo fazer jornalismo, pois assim, consigo me aproximar mais do mundo ao meu redor e das palavras, ao mesmo tempo. Minha escola literária favorita é o romantismo, mas devo admitir que tenho uma queda pelo modernismo.



## Valdir Ribeiro

Valdir Ribeiro nasceu em Campina Grande - PB em 1995. Acadêmico da área de Publicidade e Propaganda, escritor, tradutor, poeta, crítico de cinema e contista, publicando pela primeira vez sua obra. O escritor Valdir, é apreciador da sétima arte, além de leitor ávido, busca utilizar o dia a dia, para usar de inspiração em seus textos.

